

MITO DE NIORO E EDUCAÇÃO PATRIMONIAL: ENTRE HISTÓRIA E FICÇÃO, ASPECTOS DA CULTURA AFRO-BRASILEIRA SÃO ESTUDADOS

MYTH OF NIORO AND HERITAGE EDUCATION:
BETWEEN HISTORY AND FICTION, ASPECTS OF AFRICAN-BRAZILIAN CULTURE ARE STUDIED

Cristiane Bartz de Ávila
Maria de Fátima Bento Ribeiro

Vol. XI | n°22 | 2014 | ISSN 2316 8412



MITO DE NIORO E EDUCAÇÃO PATRIMONIAL: ENTRE HISTÓRIA E FICÇÃO, ASPECTOS DA CULTURA AFRO-BRASILEIRA SÃO ESTUDADOS

Cristiane Bartz de Ávila¹
Maria de Fátima Bento Ribeiro²

Resumo: O presente trabalho pretende relatar uma experiência escolar que utilizou como referência a Educação Patrimonial. Como conteúdo abordado, procuramos contextualizar para os alunos do ensino fundamental a Cidade de Pelotas - RS no século XIX. Uma cidade charqueadora e escravocrata com relação à qual tomamos ciência, através de documentos oficiais e estudos bibliográficos, dos processos de repressão dos Senhores para com seus escravos, e da luta e resistência dos mesmos. Para tal, utilizamos o Mito de Nioro, pois o mesmo conta de uma forma poética a situação do negro em fins da escravidão e pós-abolição na região, citando especificamente o Bairro Balneário dos Prazeres, também conhecido como Barro Duro em Pelotas-RS. Nosso objetivo ao utilizarmos esse Mito é fazer dele um instrumento didático-pedagógico para o cumprimento da lei 11645/2008, que versa sobre o ensino da história e da cultura afro-brasileira e indígena nas escolas.

Palavras chaves: Resistência, Sincretismo, Branqueamento, Educação Patrimonial.

Abstract: This work intends to report a school experience about Heritage Education. In it, we seek to contextualize elementary students, of Pelotas' City in the 19th century. Its economy is based in a slave work and dried salt meat. Official documents and specialized literature reveals us the repression imposed by the slavelords, as well as the slaves' struggle and resistance. Therefore, we used the Myth of Nioro, because it tells us, in a poetic way, about the situation of the Black people at the end of slavery and in the post-abolition period in this region. It refer to specifically the "Balneário dos Prazeres" district, also known as "Barro Duro". Our purpose in using this myth is to make its a didactic and pedagogical tool for to execute the law 11645/2008, that says about the History's teach and of the African-Brazilian and indigenous culture in the schools.

Keywords: Resistance, Syncretism, Bleaching, Heritage Education.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Neste artigo, temos por objetivo relatar uma experiência em Educação Patrimonial junto a alunos do ensino fundamental em uma escola rural no município de Pelotas-RS.

¹ Professora de História da Rede Municipal de Pelotas, Brasil; formada em Licenciatura Plena em História na Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), Brasil; Especialista em História da Educação pela Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas (FAE/UFPEL), Brasil; Mestra em Memória Social e Patrimônio Cultural pelo Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Pelotas (ICH/UFPEL), Brasil; participa do grupo de pesquisa Culturas, cidades, políticas e fronteiras da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), Brasil; e do Grupo de trabalho do Museu e Espaço Cultural da Etnia Francesa.

² Prof. Dr. Maria de Fátima Bento Ribeiro, vinculada aos cursos de Relações Internacionais e do Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural, Coordenadora do grupo de pesquisa em Culturas, cidades, políticas e fronteiras da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), Brasil.

Os alunos da Escola Municipal de Ensino Fundamental³ Ministro Arthur de Souza Costa do 5º Distrito de Pelotas denominado Cascata participaram da Gincana das Cores no aniversário da Escola. Como premiação o grupo vencedor teria direito a um passeio, cujo destino foi a Praia do Laranjal.

Ao tomar conhecimento do local escolhido, e por já estar trabalhando com a história do Distrito Quilombo e da resistência Quilombola e escrava em Pelotas durante o século XIX, surgiu a possibilidade de uma ação educativa em relação à história do Balneário Laranjal e em especial à parte designada Balneário dos Prazeres (Barro Duro) utilizando como instrumento motivador o Mito de Nioro⁴.

Neste sentido, Nogueira atenta para o papel do trabalho com educação patrimonial:

[...] com o objetivo de contribuir para uma reflexão que apreenda os sentidos do patrimônio como um permanente processo de produção de referenciais identitários de grupos, indivíduos, classes, etnias etc., e não mais somente de legitimação de um Estado e memória nacionais [...] caberia à educação patrimonial no projeto de reeducação das relações étnico-raciais [...] (NOGUEIRA, 2008, p. 235).

O referido Mito possibilita uma leitura de nosso passado, das relações de poder estabelecidas e incentiva a procura de novos dados, fomentando novas discussões, uma vez que carecemos de estudos regionais sobre estes temas nas comunidades escolares.

Assim, citaremos que o estudo dos espaços poderia ser uma rica fonte para as narrativas da história dos afrodescendentes⁵ em Pelotas utilizando-nos da toponímia: Simon Schama (1996) nos diz que a paisagem suscita a memória, é nela que se desenrolam os acontecimentos, é nela que os homens designam atribuições ao lugar como sagrado ou profano, alegre ou triste. O autor coloca como objetivo do livro “Paisagem e Memória”:

³ A partir deste momento, utilizaremos a sigla E.M.E.F. quando mencionarmos o termo Escola Municipal de Ensino Fundamental. Esta sigla é utilizada por órgãos oficiais do Município de Pelotas, em especial a Secretaria de Educação e Desporto, para diferenciar escolas de educação infantil e escolas de ensino fundamental.

⁴ O Mito de Nioro foi escrito por Maria Helena Vargas da Silveira, professora e escritora pelotense, trabalhou questões afirmativas valorizando a cultura negra. No livro “Helena do Sul”, a autora justifica o uso de termos iorubanos em sua literatura: Pensei então em “*como seria interessante*” utilizar os termos iorubanos nos contos e crônicas, empregando-os nas comparações e citações ou mesmo, utilizando-os nas narrativas com uma colocação adequada, integrando-os com a Língua Portuguesa. Estaria revitalizando palavras que ainda permaneciam da africanidade, porém só na religião e nos sambas de enredo. Foi quando nasceu o livro Odara-Fantasia e Realidade, com a inclusão dos termos iorubanos... As histórias dos Orixás são fascinantes e me estimularam a possibilidade mágica de inventar novas histórias ligadas ao nosso próprio cotidiano, onde eles aparecem. Fiz isto em Odara... O Barro Duro do Laranjal, um dos contos do livro Odara-Fantasia e Realidade, serviu para subsidiar estudos acadêmicos na área de Educação e de Gênero. Odara-Fantasia e Realidade foi um ato concretizado de coragem. Sou apaixonada por todos os seus contos (SILVEIRA, 2007, p.82-83). O Mito de Nioro faz parte do Livro Odara - Fantasia e Realidade, dessa forma podemos dizer que Nioro é um conto literário, que assume a forma de um mito.

⁵ Neste caso, abordamos a história dos afrodescendentes por estarmos pesquisando o tema em nosso trabalho de mestrado, entretanto, a mesma Paisagem tanto, na região rural de Pelotas - denominada Serra dos Tapes, quanto na região do litoral - Praias - Balneário dos Prazeres, Tóto, Colônia Z-3, Balneário Valverde, Balneário Santo Antônio, Barra, são territórios relacionados a outro grupo minoritário - os indígenas - os quais temos pouca referência regional nas escolas. Apontamos o trabalho de do Professor Pesquisador da UFPEL, Rafael Milheira, 2014. O autor pesquisou sobre a arqueologia guarani na região.

Gutierrez (1993) aponta que a estância do Laranjal tinha a mesma denominação de estância dos Prazeres, provavelmente por ser Nossa Senhora dos Prazeres a Santa cuja família era devota. Essa estância localizava-se a partir da ligação do canal São Gonçalo com o arroio Pelotas, até a Estância da Galatéia. Seria a região que grosseiramente compreendemos hoje por nossas Praias (Região da Barra, Balneários Valverde, Santo Antônio, Nossa Senhora dos Prazeres)⁶.

Na região do Balneário dos Prazeres ou Barro Duro, podemos ainda nos deparar com elementos que nos remetem à história daquele local. Logo na entrada do Balneário, no final da Avenida Adolfo Fetter (via principal), início da Avenida Amazonas, encontramos uma gruta com a estátua de Nossa Senhora dos Prazeres, e na orla da Laguna dos Patos (Praia), outra gruta de lemanjá, onde este Orixá feminino é cultuado no dia 2 de fevereiro de cada ano.



Figura 02: Pintura ao lado da gruta de lemanjá. Fonte: <<http://goo.gl/HjbVDc>>. Acesso em 23/02/2013

⁶ Ester Gutierrez, explica que: Ao longo do século XIX, a sesmaria de Pelotas resultou em cinco estâncias e sete charqueadas. As fazendas chamaram-se: Patrimônio ou Sá; Graça; Palma; Galatéia e Laranjal, ou nossa Senhora dos Prazeres. Um dos saladeiros situava-se no Laranjal, num lugar chamado Picada Real. Os outros seis, localizaram-se na margem esquerda do arroio Pelotas, nos seguintes lugares: na Graça, no Moreira, na Costa; no Fontoura; no Castro e na Palma. Até hoje, parte das terras permanecem nas mãos da família de Isabel Francisca da Silveira, mulher de seu segundo proprietário. Houve vendas, negócios, transações, loteamentos. Os descendentes mantêm-se como os grandes proprietários dessa área. Conservam estâncias, possuem granjas de arroz e loteamentos urbanos, nas margens do arroio Pelotas (GUTIERREZ, 1993, p. 66).

Este local é prova de que a religiosidade de matriz africana sobreviveu em nosso país, apesar de toda a proibição. Nossa cidade é um dos poucos locais que cultua Iemanjá, juntamente com Nossa Senhora dos Navegantes. Em quase todos os outros municípios, as homenagens se restringem a esta última por ser uma santa católica. Desse modo, podemos perceber a representatividade de negros em Pelotas, de forma que os aspectos religiosos não se perderam através do tempo e sim se transformaram, com a influência de diversas culturas, resultando num sincretismo que hoje faz com que, em determinado horário da tarde do dia 2 de fevereiro, fiéis católicos saiam em procissão com a imagem da Santa da Colônia de Pescadores Z3⁷, na Laguna, em direção ao Porto de Pelotas. Os participantes param seus barcos para saudar a imagem de Iemanjá, que é carregada por seus devotos em um andor para dentro da Laguna, de modo que ao passarem os barcos esta esteja posicionada de frente para eles, numa espécie de bênçãos a serem proferidas pelo que representam essas duas imagens para seus respectivos fiéis.

A escola deste bairro fez uma pesquisa com seus alunos junto aos donos de uma propriedade na Avenida Adolpho Fetter que pertence à família Assumpção.⁸ Naquela ocasião (2004), fora encontrada uma construção sólida e antiga e a família estava acomodando umas imagens de Santos que estavam na sua Capela e por esta não apresentar mais condições de uso iriam levar as referidas imagens para outra propriedade para fazer parte do acervo de um museu.

Seguindo informações do museu que hoje funciona naquela região, o Senador Joaquim Augusto de Assumpção jamais possuiu escravos.⁹ Assim, não temos pistas de por que o Barro Duro ser considerado terra de negros; seria porque estes escolheram o local mais apropriado (com os elementos da natureza necessários para seus rituais religiosos) e próximo do centro urbano? Ou talvez porque eles trabalhassem naquelas terras?

⁷ Colônia Z3, adiante do Balneário dos Prazeres, é o 2º Distrito de Pelotas.

⁸ Em Gutierrez (1993, p. 72), é apresentada a sucessão dos primeiros donos da Sesmaria Pelotas, pois o Coronel Tomás Luis Osório a repassou, e assim sucessivamente, até que identifica-se Maria Augusta da Fontoura, casada com Joaquim José Assumpção, tendo-se aí talvez o início do sobrenome Assumpção, conhecido naquela região por possuir terras, e um casarão antigo na região.

⁹ Conforme o Instituto Nacional Brasileiro Senador Joaquim Augusto de Assumpção. Disponível em: <http://www.saatchigallery.com/museums/full-museum-details/profile/ac_id/4277>. Acesso em 08/02/2012.



Figura 03: Beira da Praia do Barro Duro. Fonte: <http://imagensfotos.blogspot.com.br/2009_12_01_archive.html>. Acesso em 23/02/2013.

Ao pesquisar sobre as origens do Barro Duro¹⁰, os alunos ficaram sabendo que fora por iniciativa do Dr. Ferreirinha que o bairro foi povoado. Foram histórias de moradores antigos que falavam, “*ali na fazenda do Ferreirinha*” e “[...] *foi ele que loteou o Barro Duro assim, diferente*”, referência do mesmo não ser em forma de xadrez como geralmente ocorre, e também das avenidas que têm nome de Estados brasileiros e das ruas que têm o nome de cidades. Dessa forma fomos encontrando fontes que nos levaram a comprovar as histórias dos moradores juntos aos arquivos da FAURB (Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFPEL) diretamente do administrador da propriedade José Ottoni Ferreira Xavier interventor na concessionária do Loteamento Balneário dos Prazeres, no período de 1979 a abril de 1986, quando do falecimento do Dr. Ferreirinha¹¹.

A festa de Iemanjá¹² é um exemplo de participação e integração comunitária, outro exemplo é o

¹⁰ Temos notícia da idealização do loteamento do Balneário Valverde: Arthur Assumpção deu início, em 1958, ao loteamento do Balneário Valverde, idealizando juntamente com o seu irmão, Antônio Augusto de Assumpção, a Praia do Laranjal. Disponível em: <http://srv-net.diariopopular.com.br/23_01_01/turfe.html>. Acesso em 08/02/2013.

¹¹ Conforme informações disponíveis em: <http://www.pu3yka.com.br/Pelotas/praias/historia/laranjal/_historia.htm> e <http://www.saatchigallery.com/museums/full-museum-details/profile/ac_id/4277>. Acesso em 20/09/2013.

¹² Neste ano de 2014, ocorrerá uma polêmica em relação à Festa. A Prefeitura Municipal de Pelotas e a Federação Sul Riograndense de Umbanda e Cultos Afro-Brasileiros, a Câmara de Vereadores de Pelotas e o Ministério Público reuniram-se para negociar sobre proibição de acampar na Praia do Barro Duro para realização da Festa. A discussão girou em torno da preservação da mata nativa e da preservação dos cultos ancestrais. Ao final os adeptos às religiões de matriz afro-brasileira tiveram que acampar na Praça Aratiba – Praça principal do Bairro - tendo que readequar suas práticas ancestrais e somente no dia da festa descer à beira da praia.

jogo de futebol em que os homens jogam vestidos de mulher na época do carnaval. A própria praia é um ponto de encontro de membros de fora ou de dentro do Bairro, onde são expostos momentos de convívio familiar num local público.



Figura 04: Encontro da Imagem de Iemanjá com Imagem Nossa Senhora dos Navegantes.
Fonte: <<http://wp.clicrbs.com.br/navegantes/?topo=13,1,1,,13>>. Acesso em 23/02/2013.



Figura 05: Festa de Nossa Senhora dos Navegantes na Colônia Z3. Fonte: <<http://goo.gl/9pel6B>>.
Acesso em 21/01/2014.

Salientamos que temas como escravidão, formas de resistência, quilombos, quilombolas, e outros que se relacionam com a história, cultura ou memória dos afrodescendentes atende uma exigência legal no que se refere ao cumprimento da Lei 11645/2008¹³. A referida lei exige que as escolas públicas e privadas do ensino fundamental e médio, ministrem principalmente nas disciplinas de história brasileira, educação artística e literatura, a história e cultura africana e afro-brasileira e indígena. Acreditamos que através de trabalhos que se utilizam de educação patrimonial os educadores podem numa linguagem adequada a cada faixa etária, fomentar discussões e questionamentos sobre o tema.

MITO DO BARRO DURO: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Mito de Nioro- Maria Helena Vargas da Silveira

Nas Terras do Laranjal, na fazenda de Nossa Senhora dos Prazeres, quando Sinhá Dona morreu, deixou testamento. Donga, escrava da fazenda ficaria alforriada. Entre outras heranças de muito valor, Sinhá Dona deixava trezentos mil réis para repartirem com três mulheres brancas e pobres a fim de se vestirem decentemente para frequentar as missas.

Quem devia repartir o dinheiro era um padre novo, recém-chegado da Bahia. O padre, sabendo que os negros eram mais de Batuque do que da Igreja, planejou conquistar Donga para a devoção católica. Deu-lhe de presente os trezentos mil réis que seriam das brancas, em troca de sua frequência à igreja, aos Santos Ofícios Católicos. Recomendou-a que levasse Benedito, seu marido, e Nioro, seu filho. Desta forma, outros negros a seguiriam. Seria bom se levasse também Joaquim e Inacia, pretos de muita liderança e estimados pelos outros. O padre novo desviou o testamento. Afinal, Sinhá Dona, defunta, não podia reclamar nada.

Donga, alforriada e com trezentos mil réis, batia cabeça para Oxum, agradecia a Oxalá, rezava Ave-Maria para Nossa Senhora dos Prazeres. Donga era um todo fragmentado. De um lado, Terreiro, do outro, Igreja. Os mil réis foram escondidos no fundo de uma cacimba que só a Donga conhecia, bem pertinho da vertente mais límpida dos matos dos laranjais.

De vez em quando, guardava mais dinheiro que ganhava fazendo doces para as Sinhás, donas das charqueadas. No fundo da cacimba, a negra Donga acalentava um sonho.

Enquanto os dias passavam, seu filho Nioro ia crescendo bonito, amado de pai e mãe, correndo pelos laranjais, na Fazenda. O menino desfrutava de toda aquela energia cósmica do verde das plantas, das águas da Lagoa dos Patos, da brisa suave, da areia gostosa de pisar. Assim, o menino ia crescendo. Donga desejava o filho lendo, escrevendo, seu doutor, negro Senhor. Não queria ver Nioro um salgador de carne, escorrendo sangue de bicho

¹³ Ainda faz parte do cotidiano escolar o não cumprimento da lei pela maioria dos educadores, apesar das formações e do tempo em que essa lei entrou em vigor.

pelas pernas, servil e maltratado. Dentro da cacimba, escondia-se o tesouro para a realização dos desejos de Donga.

Foi então que apareceu o professor Quintilha. Não possuía escola, nem giz, nem caderno, nem cadeira, nem livro, mas, mesmo assim, ensinava as primeiras letras. Nioro aprendia a lição quase à beira da praia, sentado sob as aroeiras. Donga pagava o Quintilha, e o filho estudava, escondido. Das primeiras letras do Quintilha, o menino passou para o Mestre Gonzáles. Aprendeu Gramática, Latim, Matemática, Geometria e Francês. Donga pagava o Gonzáles, e o filho estudava, escondido. Vieram muitos professores e Nioro aprendeu tudo que lhe ensinavam. Não havia mestres para Nioro, nas Terras do Laranjal.

Donga pescou todos os mil réis da cacimba. Nioro viajou, pegou carreta, navegou navio, foi longe [...] As negras e os negros da fazenda continuavam suas lidas, comandados humildes de serventia braçal. Donga fazia doces, curtia licores. Sentava próximo à escadaria da igreja e vendia seus quitutes num tabuleiro colorido e cheiroso de erva-doce, dos pães, dos licores, das cocadas, rapaduras de leite, quindins e bolos de milho. Sempre a mesma lida, transformava doce em mil réis para os estudos de Nioro. Quando Nioro retornou às Terras do Laranja, estava mais sabido e mais letrado que todos os seus mestres. Foi recebido com toque de tambor, dança de mina, festa alegre de negro contente.

Não esqueciam de pedir proteção para o padre novo que ajudara Donga. Bendiziam-no indo de vez em quando à Igreja, ficando todos de pé, bem visíveis. Naquelas bandas do Laranjal de Pelotas não conheciam negro professor, nem negro doutor. Seria apenas um negro e nada mais nas Terras do Laranjal?

Nioro sem escola, sem alunos, sem clientes, chorava sob as aroeiras. As árvores choravam juntas, gotejavam lágrimas do negro. Donga desesperou-se com o sofrimento do filho. Rezava para Iroko, pedindo que fizesse passar depressa aquele tempo maldito. Implorava-lhe a mudança do Odu de seu filho. Tomada de desalento, consultou Ifá e sugestionou-o a tornar melhores os dias de seu Nioro. Ifá, compadecido de negro Donga, determinou obrigação. Teria de encontrar junto com o filho um lugar nas Terras do Laranjal que fosse mais pródigo em natureza do que todos os outros lugares. Deveria ser um lugar verde e azul, ao mesmo tempo, campos e água, matas e areias divinas. Ao encontrar o lugar, Nioro ficaria ali deitado, aguardando chover.

A obrigação estava marcada. Nioro adormeceu em terras divinas do Laranjal. Recebeu chuva miúda na cabeça. Eram lágrimas de Nanã, chegando ao Sul, mudando o destino do moço negro. Donga aguardava, ao lado do filho, tudo que fora prometido pro Ifá. Quando Nioro despertou de cabeça lavada, tornou-se Mindolé-Miandombé (preto-branco). Donga não o reconheceu, e o filho não reconheceu a mãe, nem seu povo. Entende?

Donga ficou tomada de desespero, mas Nioro foi ser professor, doutor, tudo que sonhara para o seu filho negro. Ifá havia sido muito cruel, retirando a negritude de um negro, em vez de ensinar-lhe a guerrear para vencer. Pobre Donga! Andava pelas Terras do Laranjal em

total obsessão. Encontrou Omolu, que a convidou para seguir-lhe os passos até onde Nioro havia feito obrigação. Louca de saudade de seu filho, ao ver o local tão lindo, junto à praia em que ele estivera adormecido, jogou-se nas águas de Orum para acabar de vez com seus sofrimentos.

Contam que os pescadores encontraram o corpo de Donga às margens da praia, e que, ao tocá-lo transformou-se em BARRO DURO, escuro e brilhante, espalhando-se pela orla. Gritaram assustados: BARRO DURO, TERRA DE NEGRO. Assim batizaram o lugar em que Donga virou barro de tanta saudade de seu filho negro-branco. O Barro Duro tornou-se um lugar mágico. Todos os negros são atraídos para lá, porque Oxalá permitiu-lhes consolar a Negra Donga. Por isso, o Barro Duro é uma irmandade de negros dos mais diferentes níveis socioeconômicos e culturais. Preservem o Barro Duro. Donga não pode ficar sozinha, sem carinho. Precisa de apoio como todas as mães pretas que acreditam mudar o destino de seus filhos para dias melhores. Precisa coragem.

Cuidem bem das aroeiras, elas guardam as lágrimas de Nioro. Todos os negros devem saúda-las com bom-dia, se for de noite; e com boa-noite, se estiver dia. É uma brincadeira de Exus, fazendo com que recordem de Nioro que Ifá fez parecer o que não era. A maldição de Nioro é uma alergia que dá em qualquer negro que fica chorando sob as aroeiras da vida, em vez de ir à luta, acreditando nas possibilidades de inverter posições sociais, conservando a negritude (SILVEIRA, 1993, p 1).

O Mito de Nioro expressa muitos aspectos da sociedade escravista do século XVIII e XIX.

Neste Mito local podemos vislumbrar aspectos de nossa cidade, tais como as charqueadas, quando se fala do trabalho, pois Donga não quer ver sangue de boi escorrendo pelo corpo de Nioro. Ela sonha com um trabalho melhor para seu filho, seu sonho é de vê-lo ser doutor.

Para isso faz sacrifícios e concessões. Trabalha vendendo seus quitutes para as Sinhás e nas escadas da Igreja; Junta seu dinheiro para aplicar nos estudos do filho, que estuda, escondido.

Desde cedo, o Padre sabendo das condições dos negros, toma como estratégia desviar a herança de Sinhá Dona para conquistar a confiança de Donga e conseqüentemente das pessoas ligadas a ela. Então, “[...] Donga bate cabeça para Oxum, agradece para Oxalá, rezava Ave-Maria para Nossa Senhora dos Prazeres. Donga era um todo fragmentado [...]”.

Sabemos que o negro ao ser trazido como cativo, sofreu um processo intenso em prol do esquecimento e silenciamento de suas memórias. Atualmente a memória daqueles que fizeram parte dessa história “não-contada” merece novos estudos para serem discutidos numa nova perspectiva, **sob um ângulo que contemple todos os segmentos**.¹⁴ Tomaz Tadeu da Silva (2000) esclarece sobre o antagonismo dos termos identidade e diferença e diz que é preciso tratar as questões de identidade e diferença como

¹⁴ Grifos nosso.

questões políticas: *“A pergunta crucial a guiar o planejamento de um currículo e de uma pedagogia da diferença seria: como a identidade e a diferença são produzidas? Quais são os mecanismos e as instituições que estão ativamente envolvidos na criação da identidade e de sua fixação?”* (SILVA, 2000, p.99).

Dessa forma, acreditamos que seja importante o estudo desses conceitos, pois segundo o autor, ao longo do tempo, são as instituições as responsáveis pela fixação das identidades culturais. Geralmente, estas instituições são ligadas, de alguma forma, ao governo, e, portanto ligadas à classe dominante, que constitui esforços para “domesticar” as classes dominadas. Durante muito tempo a historiografia oficial¹⁵ uniu-se em torno da construção de uma versão do negro submisso convivendo em harmonia com o seu senhor, para apreender os valores “corretos da cultura europeia-ocidental”. Algumas exceções ocorriam quando havia violência, os escravos eram tachados de criminosos e seu julgamento ocorria de forma unilateral, ou seja, visando proteger o seu senhor ou a sociedade escravocrata. Caso semelhante ocorria com um liberto e a justiça só dava direito a um justo julgamento àqueles que pertenciam à elite¹⁶.

Voltando à lenda de Donga, a tentativa de silenciamento dava-se num ponto estratégico: A religiosidade. O Padre utilizou a herança para que Donga e seu povo se convertessem, porém, ela *“[...] batia cabeça pra Oxum [...]”*, quando Nioro voltou de seus estudos *“Foi recebido com toque de tambor, dança de mina, festa alegre de negro contente [...]”*, ou seja, apesar *“de pedir a proteção para o padre novo que ajudara Donga”*, também continuavam cultivando seus Orixás africanos, o que se verifica em outras passagens do texto que dizem: *“Tomada de desalento, consultou Ifá¹⁷[...] A obrigação estava marcada [...] Encontrou Omolu [...] porque Oxalá permitiu-lhes consolar a Negra Donga [...]”*

Podemos perceber que este processo de assimilação das tradições impostas pela cultura europeia, e ao mesmo tempo negação¹⁸ da cultura africana, resulta no sincretismo religioso que conhecemos hoje. Geralmente, as religiões de matriz africana em suas diversas ramificações, utilizam imagens de Santos Católicos para representar seus Orixás, uma vez que na época da escravidão eram proibidos de cultuar suas divindades ancestrais. Essa proibição fazia parte de uma estratégia adotada pelos Senhores para diminuir a importância dos elementos culturais africanos e exaltar os elementos culturais europeus, no intuito de

¹⁵ Gilberto Freyre em Casa Grande & Senzala, fala do mito da democracia racial. Segundo Skidmore (1976), Florestan Fernandes e Roger Bastide (École Pratique des Hautes Études, Paris) trabalharam em São Paulo num projeto da UNESCO que pretendia corroborar essa ideia de democracia racial. Logo após a pesquisa, Florestan fundou uma escola de pesquisa na Universidade de São Paulo, acompanhado por dois alunos, os quais um foi Fernando Henrique Cardoso que contestou a ideia defendida por Freire. Observamos que Fernando Henrique Cardoso fez sua tese embasado em estudos sobre as charqueadas pelotenses.

¹⁶ Ver nos processos citados na Dissertação de Mestrado de Al Allan (2007): Negra força da Princesa.

¹⁷ Segundo a mitologia africana Ifá é o Deus da adivinhação que se manifesta no jogo de búzios. Omulu é o Deus das doenças e pestes, pode curar ou levar os homens. Oxalá é o responsável pela criação dos homens a mando de seu pai Olorum. A mitologia africana que nos chegou apresenta algumas diferenças em suas versões em função de sua transmissão acontecer através das gerações via oral e sofrendo influências das diversas etnias as quais os africanos e seus descendentes tiveram contato. Ver nas referências: FRANCHINI, A. S.; SEGANFREDO, C. *As melhores histórias da mitologia africana*. 2.ed. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2009.

¹⁸ Algumas pessoas que professam sua crença religiosa de matriz afro-brasileira contestam a tese de negação da religiosidade. Embasam suas afirmativas utilizando-se da descrição dos viajantes que apontam que os escravos tinham uma habilidade no abate do gado nas charqueadas e que esse trabalho ocorria entre meia noite e meio dia. Comparam que esse abate teria semelhança com o batuque e que seria permitido o abate associado ao rito religioso para que resultasse em maior produtividade. Conforme Mallet, 2011.

desmantelar a memória, identidade e conseqüentemente a autoestima dos africanos e seus descendentes.

Utilizando as palavras da autora: *“Ifá havia sido muito cruel, retirando a negritude de um negro, em vez de ensinar-lhe a guerrear para vencer”*. Entretanto, em muitas situações não foi isso o que ocorreu, existem muitos relatos do período escravista brasileiro e os primeiros anos do pós-abolição, que nos dizem que existiram muitas vozes que lutavam contra a discriminação e pela igualdade de direitos do cidadão. Entretanto, sabe-se que essas vozes tinham pouco eco em se comparando com as autoridades responsáveis pela organização social-política-econômica do Brasil. Essas autoridades dominavam os aparelhos ideológicos do Estado¹⁹, o que facilitou a construção de uma memória coletiva favorável às necessidades da classe dominante.

Cunha & Gomes (2007) nos traz uma reflexão sobre os períodos que antecedem e sucedem a abolição do Brasil. A obra demonstra que aqueles que tentavam sair das fazendas não encontravam lugar condizente com a condição cidadã, pois não foram preparados para o mercado de trabalho, principalmente o urbano, e ainda sofreram a concorrência dos imigrantes, que apesar de enfrentarem problemas semelhantes, eram mais bem aceitos para os empregos uma vez já estavam acostumados ao trabalho assalariado, e, sendo assim, poderiam almejar melhores possibilidades de inserção na condição cidadã da época em questão.

A falta de oportunidade aos negros teve continuidade. Fernandes (2008) aponta para a ideia de que a abolição foi reivindicada por muitos, mas não foi planejada para inserir o negro na sociedade e economia brasileira. Dessa maneira, muitos ex-escravos e libertos ficaram à margem da sociedade, conseguindo alguns poucos inserir-se no mercado por conta de apadrinhamentos e esquecimento ou silêncio o que se refere às suas raízes. Como já foi citado, o exemplo da manifestação religiosa que não podia ser pública, surgindo um reordenamento em muitas localidades num sentido do surgimento de um sincretismo religioso, o qual até hoje está presente. São os terreiros de umbanda, macumba, maracatus, festa de reis.

Voltando a Nioro, quando este se torna negro- branco o que podemos depreender do Mito é que para ser aceito o mesmo devia esquecer suas raízes, tradições, companheiros e mergulhar no universo cultural branco para que pudesse exercer a profissão para a qual se preparara. Através desse Mito, poderemos visualizar a teoria do branqueamento de forma muito clara. Esta teoria foi transformada num projeto social brasileiro o qual podemos vislumbrar através das políticas de imigração no país, pois até aproximadamente 1950 essa ideia foi sustentada.

Thomas E. Skidmore (1976) nos relata que vários fatores culminaram com a abolição, dentre estes, a pressão estrangeira; os estudos da época baseados no pensamento positivista e no evolucionismo foram cruciais uma vez que penetraram nas ideias dos jovens da elite da época bem como na Escola Militar. O autor destaca que próximo à abolição, nem o exército e nem os juízes davam atenção às reclamações dos donos dos escravos fujões em função da participação destes no exército em períodos de guerras.

¹⁹ Para um melhor aprofundamento ver: Althusser (2007) e Foucault (2006).

Havia estudos detalhados sobre a questão do “branqueamento”, e a promoção da vinda dos imigrantes italianos e alemães tinha como objetivo o cruzamento inter-racial para que aos poucos a raça negra se extinguisse em nosso país.

Existia uma escala etnográfica que se referia a raças “inferiores” e raças “superiores”. Segundo Skidmore (1976), Silvio Romero criticava os portugueses por se misturarem com as outras raças, contudo admitia que o negro trouxera uma resistência física que ajudava a enfrentar os trópicos. A ideia de raça superior começou a crescer, sendo atribuída aos anglo-saxões (os nórdicos) a pureza da raça aliando a isso o crescimento dos Estados Unidos, pois brancos e negros não teriam se misturado. Assim, enquanto nos Estados Unidos existiam os brancos e os pretos, havendo uma segregação muito forte, no Brasil, tínhamos os brancos, pretos e mestiços (pardos). Dessa forma, atribuiu-se ao Brasil, na figura do mulato uma “democracia racial”.

O autor explica que a teoria do branqueamento no Brasil deixa de ter sua razão de ser por uma conjuntura de fatores internacionais, uma vez que no pós-guerra houve uma onda de libertação política na África e na Ásia: *“Pelo meado da década de 50, o branqueamento deixara de ser objeto respeitável para um país do Terceiro Mundo como o Brasil, se não por outras razões, pelo menos por causa do constrangimento a que isso o levaria nas relações com os governos nacionalistas e não-brancos na África e na Ásia”* (SKIDMORE, 1976, p.234). Na década de 60, nos Estados Unidos, a negritude começava a ser motivo de orgulho para os não-brancos, assim para o Brasil não restou alternativa senão rever suas ideias sobre a questão do branqueamento.

O autor discorre sobre outros estudos após a década de 1950 que tentavam avaliar o novo quadro das relações raciais no Brasil, pois a partir da nova conjuntura internacional, não era “politicamente correto” falar em branqueamento, embora esta ideologia continuasse permeando a sociedade brasileira. O Brasil que tanto se vangloriava de sua mistura racial dizendo que a escravidão fora mais branda no país do que nos Estados Unidos que mantinha uma segregação rígida (que ocasionou conflitos nas ruas) não podia manter oficialmente a ideia de branqueamento.

Ao voltarmos a analisar o Mito, podemos inferir que Niro mesmo negando sua cultura e sendo mais um a integrar a política de branqueamento, provavelmente não teria as mesmas oportunidades e a mesma remuneração que os demais professores. Teria que esquecer suas tradições, família, religiosidade, seus relacionamentos, enfim, sua história e sua identidade deveriam ficar guardadas lá no fundo de sua memória.

METODOLOGIA UTILIZADA JUNTO AOS ALUNOS

Levamos para as salas de aula da escola o "Mito de Nioro", e pedimos aos alunos que arrumassem as classes em círculo para lerem o texto. Surgiram muitos questionamentos, os quais eram esclarecidos, e, após essa leitura houve uma aula expositiva sobre o contexto histórico pelotense durante o século XIX e início do XX. Fizemos um passeio pela região colonial de Pelotas, enfatizando locais significativos por onde os Quilombolas do século XIX passaram, terminando este passeio com um "pic-nic" na Associação da Comunidade Negra Rural do Alto do Caixão, onde as crianças conversaram com a esposa do vice-presidente da associação. Para finalizar esta ação educativa, levamos os alunos à praia do Laranjal e em especial o Balneário dos Prazeres, cujo apelido é Barro Duro, para que os alunos visualizem o Patrimônio Natural da região e associassem as localidades mencionadas à história estudada e ao Mito de Nioro.

Podemos avaliar que através da atividade de educação patrimonial escolar, tivemos como resultado uma melhor compreensão e interesse por parte dos alunos e professores de nossa história local, pois muitos conhecem a história de Zumbi, entretanto, não sabem sobre a importância dos elementos culturais da etnia negra em Pelotas e suas contribuições. Os alunos também puderam refletir sobre a influência desta história na sociedade atual.



Figuras 07 e 08: Alunos da E.M.E.F. Ministro Arthur de Souza Costa no espaço da Gruta de Iemanjá.
Na Figura 07, no fundo a Laguna (Praia) e na Figura 08 ao Fundo a Gruta.
Fonte: Acervo da Professora e Pesquisador.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossa expectativa é dar continuidade a essas ações e que em longo prazo possamos aferir que a comunidade escolar tomou ciência e consciência da contribuição e participação da etnia negra em nossa sociedade, reconhecendo a cultura afro-brasileira como parte significativa do Patrimônio Cultural brasileiro.

Conforme Maria de Lourdes Parreiras Horta (2001, p. 04) a Educação Patrimonial é “[...] o mais poderoso instrumento, ou veículo, [...] para a ativação e o reforço da Memória Coletiva, através do processo educacional, permanente ou formal”.

Dessa forma, acreditamos que ao desenvolver pesquisas e conciliá-las com um trabalho de educação patrimonial, poderemos contribuir para que haja um debate em torno do Patrimônio local, principalmente o que se refere às manifestações Culturais do Patrimônio Imaterial e que nossos alunos possam talvez identificar-se como participantes deste processo.

Uma questão importante para países em desenvolvimento é a da preservação do Patrimônio Natural, que se torna cobiçado pelos países desenvolvidos em virtude que ao preservar os recursos naturais, se preservam os conhecimentos associados a eles, tais como as formas de expressão, os modos de criar, fazer e viver.

Para essa reflexão, é importante salientar que a preservação do Patrimônio Natural é questão primordial para ser trabalhada, uma vez que alunos, mesmo sendo moradores e estudantes da zona rural e estando em contato direto com o meio ambiente, muitas vezes não têm consciência da importância de sua atuação tanto numa esfera micro quanto macro em relação a ações preservacionistas.

O trabalho de educação patrimonial vem ao encontro dessa necessidade de conscientizar a comunidade escolar da importância do Patrimônio Cultural como um todo, como símbolo de um processo histórico, social, econômico e político, relacionado ao seu presente como um processo dinâmico em que eles devem ter a oportunidade de conhecer, refletir, interagir e modificar sua realidade.

Nesse contexto podemos nos valer das palavras de Paulo Freire:

[...] nas condições de verdadeira aprendizagem os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinando, ao lado do educador, igualmente sujeito do processo. Só assim podemos falar realmente de saber ensinando, em que o objeto ensinado é apreendido na sua razão de ser e, portanto, aprendido pelos educandos (FREIRE, 1996, p. 14).

Acreditamos na importância do cumprimento da lei 11645/2008 através de ações que envolvam Educação Patrimonial posto que a “*educação Patrimonial tem como ponto de partida o patrimônio como fonte de conhecimento, trata de compreender o seu valor para a VIDA*” (grifo nosso). “ Pode ser definida como um instrumento de ‘alfabetização cultural’, que possibilita o indivíduo fazer leitura do mundo que o rodeia, e pode ocorrer na escola, bem como em todos os espaços sociais” (HORTA, 2006, p. 6).

Ao apontarmos o Bairro Barro Duro em Pelotas como local que associa o Patrimônio Cultural à história do negro e da cidade como um todo, tivemos a intenção de dialogar com as fontes que encontramos. Podemos dizer que estas informações não são encontradas nos meios populares, ou seja,

entre a população que não tem acesso aos bancos acadêmicos. Acreditamos que se estas pesquisas fossem divulgadas e popularizadas, poderiam contribuir para dar visibilidade à história da população negra em Pelotas durante o século XIX, mostrando a contribuição desta na sociedade pelotense desde o referido século até os dias atuais e como aponta Silva (2000), auxiliando na autoafirmação do processo identitário dos mesmos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AL-ALAM, C.C. *A Negra Força da Princesa: polícia, pena de morte e correção em Pelotas (1830-1857)*. São Leopoldo, RS: Unisinos, 2007.
- ALTHUSSER, L. *Aparelhos Ideológicos do Estado*. São Paulo: Graal Edições, 2007.
- CUNHA, O.M.G.; GOMES, F.S. (Orgs.). *Quase Cidadão: histórias e antropologia da pós-emancipação no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.
- FERNANDES, F. *A integração do negro na sociedade de classes: o legado da raça branca*. São Paulo: Globo, 2008.
- FOUCAULT, M. *Microfísica do Poder*. São Paulo: Graal Edições, 2006.
- FRANCHINI, A. S.; SEGANFREDO, C. *As melhores histórias da mitologia africana*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2009.
- FREIRE, P. *Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. Editora Paz e Terra. Coleção Saberes, 1996.
- FREYRE, G. *Casa grande e senzala: formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal*. 14ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1969,2v.
- GUTIERREZ, E.J.B. *Negros, Charqueadas e Olarias: um estudo sobre o espaço pelotense*. Pelotas, RS: Editora Universitária/UFPEL: Livraria Mundial, 1993.
- HORTA, M.L.P. A educação Patrimonial - um processo em andamento. *Museu e Educação: conceitos e métodos*, São Paulo: USP Museu de arqueologia e etnologia, 2001.
- HORTA, M.L.P; GRUNBERG, E.; MONTEIRO, A.Q. *Guia básico de educação patrimonial*. Brasília: IPHAN, Rio de Janeiro: Museu Imperial, 2006.
- MALLET, P. *Sopapo do Padeiro*. Programa Rádio Toques de Aruanda. Porto Alegre. Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=0dAHoGEuxqw>>. Acesso em 21/11/2011.
- MILHEIRA, R.G. *Arqueologia Guarani na laguna dos Patos e serra do Sudeste*. Pelotas. Ed. da UFPEL, 2014.
- NOGUEIRA, A.G.R. Diversidade e sentidos do patrimônio cultural: uma proposta de leitura da trajetória de reconhecimento da cultura afro-brasileira como patrimônio nacional. *Anos 90*, Porto Alegre, v.15, n.27, p.233-255, jul. 2008.
- SCHAMA, S. *Paisagem e Memória*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- SILVA, T.T.S. (Org.); HALL, S.; WOODWARD, K. *Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 4.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- SILVEIRA, M.H.V. *Odara: Fantasia e Realidade*. Porto Alegre: Grupo Editorial Rainha Ginga, 1993.
- SILVEIRA, M.H.V. *Helena do Sul*. Rota Existencial. Brasília, DF: Fundação Cultural Palmares, 2007.
- SKIDMORE, T. E. *Preto no Branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

LEIS E DECRETOS

LEI Nº 11645, *Ensino da Cultura afro-brasileira e indígena na rede de ensino*, de 10/03/2008.

SITES

Instituto Nacional Brasileiro Senador Joaquim Augusto de Assumpção. Disponível em: http://www.saatchigallery.com/museums/full-museum-details/profile/ac_id/4277>. Acesso em 08/02/2012.

Idealização do loteamento do Balneário Valverde. Disponível em <http://srv-net.diariopopular.com.br/23_01_01/turfe.htm>. Acesso em 08/02/2013.

Informações sobre a origem do Bairro Balneário dos Prazeres. Disponível em: <http://www.pu3yka.com.br/Pelotas/praias/historia/laranjal/_historia.htm>;<http://www.saatchigallery.com/museums/full-museum-details/profile/ac_id/4277>. Acesso em 20/09/2013.

Recebido em:11/07/2014
Aprovado em:05/09/2014
Publicado em:03/10/2014